



**DIETMAR KAMPER E O RETORNO DO REAL: CORPO E PSICOSE EM  
'MUDANÇA DE HORIZONTE'**

**Frederico Antonio Cordeiro Feitoza<sup>1</sup>**

**Resumo:** O Real é o registro psíquico conceituado por Jacques Lacan que nos remete a um corpo ainda capaz de pensar pela sua carnalidade. É porque o seu retorno se dá pela dimensão corporal que o salientamos aqui como via extática face ao sedativo processo civilizatório, no qual o Simbólico e o Imaginário – os outros dois registros da tópica lacaniana - parecem ter se fechado. Este Real não é, portanto, uma mera realidade psíquica, mas um resto gozoso persistente em torno do qual o corpo mantém o seu apelo à vida. Nesse artigo pretendo discorrer sobre o Real, tomando o sonho e a psicose como modelos explicativos privilegiados, para então articulá-lo ao texto *Mudança de Horizonte*, de Dietmar Kamper, a ser publicado no Brasil.

**Palavras-Chave:** Real. Corpo. Kamper. Psicose. Mudança de horizonte.

### **Introdução**

Essa tentativa prematura de evidenciar o Real a partir da ‘lógica’ proposta em *Mudança de Horizonte*<sup>2</sup> do filósofo alemão Dietmar Kamper é uma especulação que se pretende responsável. Mas é preciso salientar que é uma tentativa porque se dá por meio de uma impressão e uma imaturidade das quais busco extrair como próprias a primeira experiência de leitura. Este sobreaviso me deixa mais ou menos tranquilo em arriscar, já que de antemão se percebe que nem mesmo Kamper parece interessado em se comprometer com alguma noção específica de real. Ao longo do texto ele toca a palavra ‘real’ de pelo menos duas formas que consigo perceber. Primeiro, num sentido bastante conhecido como oposto ao virtual, quando se lê, por exemplo, que “o imaginário é uma duplicada virtual do antigo real” (p.113), e para onde a abstração do pensamento nos teria levado radicalmente, através da

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Católica de Brasília e pesquisador do Grupo de Pesquisa ‘Linguagem Poesia e Comunicação’ (CNPQ). Email: fredfeitoza@outlook.com

<sup>2</sup> O texto de ‘Mudança de Horizonte’ que utilizo se encontra no prelo, e como ainda não possui data para publicação no Brasil, limito-me a citar às páginas de sua versão em Microsoft Office Word.

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

simulação digital que varre o mundo; segundo, como aquele conceituado por Jacques Lacan, e associado a um corpo divino (KAMPER, prelo, p. 47-74).

Este Real é um termo recorrente ao longo do texto, e muitas vezes faz uma oposição teórico-operacional no percurso que *Mudança de horizonte* propõe, em relação ao Simbólico e ao Imaginário, os dois outros conceituais da teoria lacaniana com os quais a tríade inconsciente de um não-saber mobilizador do homem se enlaça. Ao longo deste artigo vamos apresentar primeiramente do que se trata esse Real, para tentar entendermos que este registro, em Psicanálise, dialoga com a noção de corpo vivo (*Leib*) que Kamper busca re-inventar em seu texto. Essa expedição se justifica pela posição central que o corpo possui em seu escrito, e principalmente porque é um ‘pensamento-corpo’ que o interessa desenvolver em contraposição ao modelo falocêntrico, racionalista e cientificista que vingou ao longo da história do pensamento ocidental.

Conforme percebi em sua leitura, entendi que há pelo menos dois corpos passíveis de conviver hoje: o corpo (*Körper*) que entendo como civilizado-tanático, biopolitizado, sedado pela abstração do pensamento, capturado pela imagem narcísica, pelas categorias operativas (masculino/feminino, sagrado/profano) e condicionado segundo uma repetição mecânica (que exercemos não só na frente do computador, mas na academia de ginástica, ao volante de um carro, etc.) e corpo (*Leib*) selvagem-erótico, sem gramática e sem verbo, ouvinte de seus fluidos e orifícios, morto pela civilização, mas que nos assombra, vez por outra, cheio de vida inominável, através de uma radical experiência de alteridade que é muitas vezes socialmente inconveniente (por exemplo: na possessão, na psicose, no êxtase, na performance, etc.).

O corpo civilizado-tanático estaria articulado à noção problemática do processo civilizador que o filósofo evidencia. Este processo teria promovido uma remoção histórica e social do corpo (ou o que ele chama de estética da ausência), abstraído cada vez mais pelo pensamento racional progressista e destituído de sua carnalidade e organicidade erótica. O movimento eurocêntrico de espiritualização e intelectualização da existência teriam mortificado o sensível e o afetivo deste corpo, obsessivamente transformando-o em imagem e dado, num processo histórico de domesticação, repressão, disciplina, controle e finalmente entorpecimento, como Kamper o considera quando finalmente passível de ser simulado através de códigos binários, tal qual acontece virtualmente na atual era digital.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

O corpo selvagem-erótico, por sua vez, vivo - e sobre o qual não se conseguiu elaborar até hoje uma teoria que fosse “ela mesma viva” (KAMPER, prelo, p. 67) - seria aquele que vive de “toque e de rastro” (KAMPER, prelo, p. 69). Averso à midiatização da experiência, hoje invisível, seria o corpo não capturado pela imagem, anti-narcísico por excelência, e que, ao invés de afogar-se em sua “água amniótica”, prefere beber da “dourada abundância do mundo” (KAMPER, prelo, p..204). Algo como o corpo sem órgãos de Antonin Artaud que foi depois revisitado por Gilles Deleuze e Felix Guattari em sua expedição pós-estruturalista. Para Kamper (prelo, p. 187), pensadores que promoveram o hermetismo como uma tentativa de “tornar reconhecível o imaginário, o universo aprisionante dos signos humanos e, a partir disso, pular fora”.

O Real, como muitas vezes abordado ao longo de *Mudança de Horizonte*, aparece assim como uma noção vasta que imbrica uma impossibilidade de tanto o Simbólico quando o Imaginário conseguirem dar conta ou reelaborar tudo aquilo que foi deixado para trás - reprimido, renegado, rejeitado - ao longo do processo civilizador. Isso porque, como veremos, o Real se caracteriza fortemente pela incapacidade de haver imagem ou palavra que lhe correspondam. Ou seja, ele é o que necessariamente sobra às amarrações que o Imaginário e o Simbólico propõem no processo de estruturação psíquica do homem, conforme explicarei na próxima seção.

### **O Real e a insurreição pelo corpo**

Em Psicanálise o conceito de Real, inspirado primeiramente pela noção de realidade psíquica<sup>3</sup> em Sigmund Freud e depois pela ciência do irrecuperável<sup>4</sup> de Georges Bataille, passa a ser entendido como um dos três registros psíquicos do inconsciente, junto com o Simbólico e com o Imaginário. Entendido como o registro do inacessível, ou seja, daquilo que

---

<sup>3</sup> Como dirá prontamente Roudinesco e Plon (1998, pág. 646): “termo que designa uma forma de existência do sujeito, que se distingue da realidade material, na medida em que é dominado pelo império da fantasia e do desejo.

<sup>4</sup> A ciência do irrecuperável ou a heterologia de George Bataille refere-se a uma idéia que ele desenvolve a partir de ‘A estrutura psicológica do fascismo’ em que distingue dois pólos estruturais: o homogêneo, campo útil e produtivo da sociedade e o heterogêneo, o não simbolizável lócus de ruptura do delírio e da loucura. A heterologia, inspirada no termo ‘heterólogo’ (campo das ciências biomédicas que se ocupa dos tecidos mórbidos) refere-se a um estudo do improdutivo e tudo aquilo que é expulso da norma. Ver BATAILLE, George The Psychological Structure of fascism. In: **New German Critique**, nº 16, 2003, p. 64-87. Disponível em <http://ce399fascism.files.wordpress.com/2012/06/bataille-the-psychological-structure-of-fascism1.pdf>

# V COMcult

## o que custa o virtual?

escapa à linguagem e à matematização, só poderia ser experienciado pelo seu efeito e seu afeto. Elemento pré-discursivo e assignificante (da perda) da realidade; angústia por um objeto perdido que nunca existiu na verdade; núcleo traumático e vazio do desejo; o gozo como uma forma de prazer tanática; contingência pura: cinco formas de pensarmos aquilo que Jacques Lacan (1985, p. 177) descrevia como “algo que não cessa de não se inscrever”.

Na clínica, o registro privilegiado da loucura psicótica do sujeito cuja percepção sensorial não consegue filtrar os excessos gozosos da contingência; o mesmo que, ao invés de apelar para o sintoma (metáfora/metonímia) como forma de elaboração desse mal estar (o pensamento enquanto doença), acaba sucumbindo aquilo que se convencionou chamar de fenômeno elementar, tal qual a alucinação, o êxtase ou o delírio. Algo que uma psicanálise de envergadura falocêntrica associaria à ausência de inscrição de uma figura patriarcal na vida do sujeito<sup>5</sup> (a não inscrição de um registro eficiente de linguagem, de uma lei, de um superego saudável) e que Gilles Deleuze e Felix Guattari observaram em seu elogio à psicose (a esquizoanálise) como pura potência revolucionária anti-edípica e anti-patriarcal.

Pelo breve espaço que nos é proposto, preferimos e precisamos falar do Real já em sua relação com o corpo, principalmente porque, por enquanto, um revisionismo minucioso do termo escaparia demais ao que é proposto pelo artigo. É o corpo, como território possível de afeto, que o faz, em si mesmo, o detentor da potência de fuga às colonizações do Simbólico e do Imaginário, mesmo nesse momento dominado, segundo Kamper, por uma estética da ausência. Sendo isso que impede a fantasia e o desejo de sua simbolização absoluta, o Real, como um tipo de gozo corporal incontornável e persistente, comunica esta possibilidade, atuando como um ‘resto’ que, conforme explica Slavoj Zizek (1992, p.153) nos “permite preservar uma espécie de distância da rede sociossimbólica”.

Zizek é prático ao explicar o Real, e por isso serve ao nosso propósito. Seu trabalho, mais voltado ao campo da teoria da ideologia e à psicopolítica não se comunica diretamente com o de Kamper, mas é didático ao fazer entender como cabe ao Real reverter a ordem das coisas e atuar para uma exaltação do corpo enquanto coisa viva, despida de sentidos e imagens de si. Nesse caso é o Real que impede que o sujeito se torne uma ‘marionete’ da

---

<sup>5</sup> “A mãe dá a vida, mas o pai dá o sentido”, escreve Catherine Clément (1998, p.106). Ver CLÉMENT; KRISTEVA, Catherine; Julia. **O feminino e o sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

# V COMcult

## o que custa o virtual?

linguagem (enquanto grande Outro totalitário) ou sucumba às ilusões narcísicas de um Imaginário excessivamente especular.

O sonho e a loucura são espaços de gozo privilegiado deste Real. Por isso elencamos os dois para explicar a relação Real-corpo. Eles são momentos da vida que permitem ao homem se subtrair à vigília e à realidade sociossimbólica convencional e passar a viver, sensorial e afetivamente, através de experiências corporais intensas, a plenitude da realidade psíquica. No caso do sonho, podemos pensar no que Sigmund Freud (1987, pág. 482) aponta desde o seu texto de 1900 como o seu núcleo duro, ou ‘umbigo do sonho’: aquilo que escapa à interpretação, que é indecifrável, mas que afeta o corpo a ponto de acordá-lo do sono. Ele não se referia obviamente ao Real, como Lacan o conceitua ulteriormente, mas toca no abismal traumático de sua contingência pura.

Kamper traz o sonho como um termo recorrente em seu texto, e mais ainda, lhe atribui um sentido especial no que toca o desenvolvimento de um pensamento-corpo. Para ele, não é pelo fato do homem ser capaz de sonhar que se pode considerá-lo liberto de um imaginário que lhe foi construído: “O motivo do fracasso, do insucesso dos sonhos está no excesso de material. O objeto em questão é também sujeito, dotado de vontades e desejos próprios” (KAMPER, prelo, p. 47). Assim, o próprio espaço do sonho já teria sucumbido às representações e imagens desta civilização tanática do corpo. Seria, no entanto, a própria capacidade do sonho de acordar do sono, uma experiência erótica e viva para esse sujeito, conforme escreve: “Entre os sonhos, há um despertar do sono, uma chance de aprender”. Numa escala maior, não literal, o sono antropológico que, segundo ele, dormimos desde Kant (KAMPER, prelo, p. 144).

Esta impossibilidade do sujeito civilizado (da representação e da imagem) de se deparar com este núcleo gozoso e pulsante do sonho surge finalmente para a psicanálise como um eficiente mecanismo de defesa do eu (envolto em amnésia), mas também como um indício de que o corpo não pode ser sedado por completo. Uma primeiridade, um afeto, um pânico, que não deve ser rejeitado (KAMPER, prelo, p. 174) pela obsessiva racionalidade que rege a realidade da vigília, mas sim reconsiderado como forma extática de conhecimento.

Na Psicose essa relação corporal com o Real é diferente. Um pouco mais complexa e também completa. Segundo Lacan, que dedicou toda a última parte de seu ensino a uma

# V COMcult

## o que custa o virtual?

clínica do Real e da Psicose, esta experiência psíquica do sujeito talvez seja aquela que melhor nos autoriza a tratar deste Real como algo que investe no corpo a sua força pré-discursiva e assignificante, sem a interferência de ‘mídias’ como a linguagem e as imagens. Na psicose, o Real se torna um excesso incontrolável e não um núcleo em torno do qual gravitamos e que queremos evitar. Como Zizek (1992, p.160) afirma em uma de suas muitas metáforas práticas, no caso desta forma de loucura, no lugar do estado normal das coisas onde o Real é um vazio no meio da ordem simbólica, ele é que acaba sendo circundado por “ilhas” isoladas do simbólico.

Grosso modo, a psicose é identificada pela clínica biomédica e toda a base biopolítica e vitalista que a acomoda como algo a ser tratado; um mal estar que se expressa por meio dos chamados fenômenos elementares classicamente categorizados nos compêndios de psiquiatria: alucinações, delírios e outras ‘deformações’ da percepção. Algo que apontaria para uma perda de contato do sujeito com uma realidade positiva e convencional compartilhada.

Uma tendência generalizada da psicanálise seria pensá-la como uma patologia ou mal-estar que se organiza em torno da não interdição paterna na relação amorosa entre mãe e filho. Uma concepção bastante freudiana, que autores como Melaine Klein associaram a toda experiência traumática que um bebê pode sofrer entre o 0 e os 6 meses, e a qual Jacques Lacan resolveu dedicar todo um seminário<sup>6</sup>. Em sua concepção ainda lingüística do inconsciente, a psicose estaria associada à incapacidade do sujeito de metaforizar ou metonimizar a sua relação com a dimensão gozosa da própria realidade psíquica.

Isso se daria por conta da chamada “forclusão do nome do pai”, uma forma mais ou menos bonita de dizer (ou mais complexa comparada ao básico teatro edípico freudiano) que a função paterna, ou seja, aquela que diz respeito à introdução do sujeito no universo da linguagem (ou da lei) não teria sido satisfatoriamente realizada. Função paterna esta que não estaria necessariamente relacionada à figura de um homem/pai, mas sim referente a uma instância chamada superego ou supereu (a castração sócio-simbólica em si). Nesse caso, sem um referente de linguagem “saudável”, o psicótico teria inviabilizada a sua capacidade de lidar com as próprias fantasias e desejos, vindo a ‘surtar’ (e desenvolver o tais fenômenos

---

<sup>6</sup> Lacan, Jacques. **O seminário, livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, 2ªed.

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

elementares) sempre que a sua experiência com as cargas excessivas do Real não pudesse ser simbolizada. Entre a sua imaginação e o chamado mundo positivo ele não seria capaz, portanto, de diferenciar conteúdo alucinatório de fantasias, desejos e fantasmas. Assim, enquanto o sintoma vem como uma mensagem necessariamente cifrada através da qual o sujeito organiza o seu gozo (como acontece na neurose), o fenômeno elementar da psicose atinge o corpo sem mediador simbólico algum.

Para além do alcance da clínica, a experiência psicótica é valiosa para Lacan porque o permite sair da sua compreensão que colocava o simbólico e seu significante como determinantes da tópica psíquica humana, para efetivar o Real como registro que nos leva a questionar não apenas a noção de normalidade, mas de forma muito mais ampla, toda noção de ciência (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 646), confiante e absorta numa concepção positiva de real e de realidade.

Sendo este avesso da razão, a loucura, aqui entendida pelo viés do retorno do Real no corpo, é o que permitirá ao homem caminhar à beira do abismo, para tomarmos uma metáfora kamperiana (KAMPER, prelo, p. 128), em o que melhor conhecimento advém como êxtase. Esses verdadeiros ‘insights’ psicóticos, forclusões da lei e da norma, poesias da anormalidade, poderiam desvelar uma dimensão frágil na esplendorosa fortaleza da razão:

Como percebeu o enfermo Hölderlin, o saber absoluto de seu amigo Hegel é um blefe. Quem ali se detém, arrisca passar de pensador a matador. Historicamente, Hegel até ficou com a razão, mas raramente suspeitou o quanto isso custaria. O sistema de pensamento ocupa o lugar da loucura e não pode evitar que, do centro, irrompa aos poucos algo que deveria ter permanecido secreto. Semelhante é a compreensão da chamada alternativa entre normal e anormal: como diferença entre duas aporias diametralmente opostas. É preciso contestar o poder de definição e não o que está definitivamente definido. Somente assim, será possível quebrar a irresgatável noz da normalidade humana tão cortejada na publicidade e massivamente exaltada nos meios de comunicação. (KAMPER, prelo, p.152).

A psicose ganha robustez quando passa a ser pensada fora da clínica e se torna um projeto particular de emancipação humana, como encontramos escrito, por exemplo, nas filosofia anti-edípica de Deleuze e Guattari (2004). Como é averiguável em seu combate ferrenho às determinações freudo-lacanianas, os autores empregam uma crítica à neurose enquanto modelo psíquico referencial na civilização e colocam que as experiências limites referentes ao modelo de (des) subjetivação da psicose figuram um modelo particular e

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

revolucionário do que chamam de desterritorialização de sistemas subjetivos subordinados a regimes representacionais hegemônicos.

Diferentemente da neurose, passiva e adaptada à sedação ocidental, a psicose, armadilha/invenção potencializada pelo labirinto de imagens duplicadas em que vivemos, é vista como um “processo” que embaralha os códigos e os desarranja, indo de encontro ao modo de vida do tipo *establishment*, o qual hoje tolhe as subjetividades múltiplas em enquadramentos virtuais narcísicos. Kamper (prelo, p.187) declara uma via possível a partir desse embate entre o esquizo e o narcísico que experimentamos no nosso dia a dia: “a diferença entre beber e se afogar está no *corpo sem órgãos*, que se sustenta social e historicamente. Onde? Na notável diversidade dos mil platôs, mas no ponto zero, diante da falta de respostas do mundo”.

É como se, de dentro do seu próprio processo de funcionamento, mesmo que fruto desse processo civilizador, este esquizo da psicose oferecesse fugas decorrentes do seu próprio modo de reprodução e transformação, abrindo espaços, brechas, sulcos que escapam a uma lógica prevalecente, instaurando o caos, a tal falta de repostas, e toda a sua potencialidade criadora. Aspecto que nos parece fulcral para ambas as abordagens, já que essa potencialidade criadora do caos pode facilmente ser entendida, em outra chave, como a contingência pura que opera como mola de propulsão do Real: a coisa impossível para Lacan e, para os pós-estruturalistas, o lócus de operação de toda a possibilidade.

Não temer à loucura, seu incomensurável e seu heterogêneo que insiste em não se reduzir a um ‘eu’ unitário, é como entendemos uma das possibilidades kamperianas para o desenvolvimento de um pensamento-corpo. O retorno do Real no corpo do psicótico é então um modelo para pensarmos a assunção do homem anti-narciso, oposto à imagem e à abstração, capaz de rastrear em torno do ponto zero do retrocesso (KAMPER, prelo, p. 53), o ponto a que chegamos, por meio da assintomática dor da remoção do próprio corpo da história dos homens. Um vazio que, segundo Kamper, sob determinadas condições, poderá se tornar em si mesmo um ponto de virada ou eixo, em direção à mudança de horizonte.

O incômodo ‘diabólico’ que vem com o Real, do afeto, do êxtase, do surto e do gozo, sem ter imagem, sem ter o que lhe represente, é o que parece garanti-lo como noção

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

pertinente ao seu método: pensamento-corpo como insistência desse real sob “as condições da imanência imaginária, o que é uma forma muito rara da incondicionalidade<sup>7</sup>” (1996, p. 144).

### Considerações finais

O Real, o seu retorno, resposta ou erupção no corpo é como uma pulsação repetitiva e gozosa que não imita nada ou significa nada, embora nos capture imediatamente e materialize o gozo, esse prazer que desafia os mecanismos de defesa do eu, e cuja mortalidade – a pequena morte – nos torna capazes de re-esboçar todo um novo sentido erótico para a vida. O seu vazio ou pura contingência é o que nos permite associá-lo ao ‘ponto zero’ kamperiano, o qual nos força a abrir novos horizontes: nomes, palavras, significados inéditos. Aí reside a sua força, na sua heterogeneidade impossível de ser recuperada.

O sonho, e especialmente a psicose, são instantes modelo para tentarmos compreendê-lo, e dessa forma trazê-lo para essa epistemologia abismal do pensamento-corpo - forma de contratransferência com o mundo - que lemos no texto de Dietmar Kamper: “algo aquém da escrita, aquém da linguagem, aquém da fantasia, a saber, o inalcançável ‘Real’. Lacan escreve: corpos são como deuses, pertencem ao real”. (KAMPER, prelo, p.74)

O Real seria, portanto, uma das ferramentas conceituais ou uma noção - em termos menos pragmáticos - para entendermos como o irrepresentável pode oferecer vida não sedada, para além do que vem se tornando o projeto do humano: cibernético, informático, operacional e virtual, ou seja, capaz de ir muito longe, mas apenas através de um infinito desdobramento de imagens. Por não ter uma imagem que lhe sirva, este registro psíquico funciona como um conceito-mecanismo que aposta em um não triunfo absoluto da Imagem em nossa civilização, com sua capenga função formadora do eu<sup>8</sup>. Capenga e capengamente narcísica. O que não cessa de não se inscrever, como Lacan chamará o Real, é o que permitirá à imagem ser no máximo hegemônica. E esse é o grande trunfo que o corpo carrega consigo. Por ser

---

<sup>7</sup>Extraído das notas da tradutora, Danielle Naves, em **Mudança de Horizonte** quando cita KAMPER, Dietmar. **Abgang vom kreuz**. Monique: Fink, 1996.

<sup>8</sup> Referência ao estádio do espelho como momento do desenvolvimento psicossocial em que o sujeito constrói uma noção corporal de ‘eu’ baseada numa relação especular com o outro. Ver: LACAN, Jaques. O estádio do espelho como formador da função do eu. (p.96-103) In **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

# V COMcult

---

## o que custa o virtual?

eternamente o lócus de experiência com o Real, será sempre ele a sofrer e reviver com o sua resposta.

### Referências

- KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte: *O sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...*** Tradução Danielle Naves. São Paulo: Paulus (prelo).
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- \_\_\_\_\_. Para além do ‘princípio de realidade’. In **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- DELEUZE; GUATTARI, Gilles; Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- ROUDINESCO; PLON, Elisabeth; Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.